

EXPOSIÇÃO DO SALMO 1

*Mauro Fernando Meister**

O TEXTO

- ¹ Bem-aventurado é aquele
que não anda no conselho dos ímpios,
não se detém no caminho dos pecadores,
nem se assenta na roda dos escarnecedores.
- ² Pelo contrário, o seu prazer está na lei do SENHOR,
e na sua lei medita de dia e de noite.
- ³ Ele é como árvore plantada
junto a uma corrente de águas,
que, no devido tempo, dá o seu fruto,
e cuja folhagem não murcha;
e tudo o que ele faz será bem-sucedido.
- ⁴ Os ímpios não são assim;
são, porém, como a palha que o vento dispersa.
- ⁵ Por isso, os ímpios não prevalecerão no juízo,
nem os pecadores, na congregação dos justos.
- ⁶ Pois o SENHOR conhece o caminho dos justos,
mas o caminho dos ímpios perecerá.¹

INTRODUÇÃO

O livro de Salmos era o hinário de Israel, do povo de Deus no Antigo Testamento. Constitui-se de cânticos usados em certas partes das diferentes

* Doutor em Literatura Semítica (D.Litt.) pela Universidade de Stellenbosch, África do Sul; mestre em Teologia Exegética pelo Covenant Theological Seminary, Jackson, Mississippi; diretor do CPAJ e professor de Antigo Testamento; pastor da Igreja Presbiteriana Barra Funda, São Paulo (SP).

¹ *Nova Almeida Atualizada*, Edição Revista e Atualizada®, 3ª edição. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017, Sl 1.1–6.

liturgias que havia tanto no Tabernáculo como, depois, no Templo de Jerusalém. Não há evidências de que todos eles tenham sido usados em situações litúrgicas e sua composição é fruto da inspiração de indivíduos e de posterior coletânea por um ou mais editores. Sabe-se, porém, que, além de serem cânticos com caráter litúrgico, eram também cantados pela Igreja de Jesus no Antigo Testamento em peregrinações e na vida doméstica, incluindo o ensino das crianças.

Certamente o Salmo 1, assim como a primeira pergunta do Catecismo, é aquele que todos aprendiam primeiro e guardavam por toda a vida. Esse salmo é o portal do Saltério e, ainda que não saibamos a maneira precisa como o livro tomou seu formato canônico final e atual, é possível perceber que este primeiro capítulo serve como guia e orientação para aquilo que virá a seguir e será ensinado nos demais Salmos.² O verso 2, “Pelo contrário, o seu prazer está na lei do Senhor”, nos dá o tom para a sua interpretação, o prazer na lei (torá) do Senhor, que deve ser motivo de meditação e deleite contínuos (“e na sua lei medita de dia e de noite”) e também a perspectiva sobre a qual devemos ler o Livro dos Salmos.³ Logo, os Salmos devem ser sempre lidos à luz da torá de Deus e sua teologia percebida a partir da verdade revelada nos primeiros livros da Bíblia, o Pentateuco.⁴ É importante entender este conceito porque a poesia é também teologia. E que fique, então, claro, que tudo o que cantamos no culto ao Senhor deve ser boa teologia. Devemos sempre cantar a verdade da Palavra de Deus, seja com os salmos, hinos e cânticos espirituais, como afirmado por Paulo em Colossenses 3.16.

Devemos, também, perceber que todos os salmos são hinos⁵ e têm um formato poético; porém, a formatação da sua poesia é bem diferente do que conhecemos em nossa língua, pois não possuem rimas e nem a mesma estrutura de estrofes como em nossas poesias e canções. A língua hebraica, na qual foram escritos os salmos, produz poesia, basicamente, por meio de paralelismos, repetição ou contraposição de palavras, ideias ou conceitos sequenciados em um mesmo verso, vários versos ou mesmo em um texto maior, numa série de

² Para uma excelente introdução à interpretação do Livro dos Salmos, ver: FUTATO, Mark. *Interpretação dos Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. Para este ponto específico, mostrando o Salmo 1 como o portal do livro, assim como a sua organização completa, ver: ROBERTSON, Palmer. *A estrutura e teologia dos Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

³ “Não cesse de falar deste Livro da Lei; pelo contrário, medite nele dia e noite, para que você tenha o cuidado de fazer segundo tudo o que nele está escrito; então você prosperará e será bem-sucedido” (Js 1.7s).

⁴ Observe que muitos dos conceitos expostos no Livro de Salmos são fruto da leitura e interpretação de passagens do Pentateuco. Assim, alguns textos são citados diretamente ou sua interpretação é dali extraída. A soberania e reinado de Deus, por exemplo, são fruto da interpretação do relato da Criação (Sl 47.7: Deus é o Rei de toda a terra).

⁵ Podem ser propriamente hinos de adoração, lamentos, canções de gratidão, confiança, sabedoria e exaltação da realeza e grandeza de Deus,

técnicas literárias que devem ser compreendidas pelo leitor do texto.⁶ Veremos algumas dessas ideias ao longo da exposição.

1. O TEMA

Se no foco do texto temos a torá, a instrução de Deus, a forma pela qual o Salmo explora o tema é a comparação de dois caminhos: o caminho do justo, que busca a instrução de Deus, e o caminho do ímpio, que se desvia dessa instrução. Esse tipo de tema binário foi muito abordado pelo Senhor Jesus no Novo Testamento: dois caminhos, duas portas, duas casas etc., certamente porque era muito comum aos seus ouvintes entendê-los e por terem em mente as imagens do Salmo 1.

Entrem pela porta estreita! Porque larga é a porta e espaçoso é o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela. Estreita é a porta e apertado é o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que o encontram (Mt 7.13s).

Associada aos dois caminhos, existe a figura do “bem-aventurado”, algo muito frequente em todo o Livro dos Salmos⁷ e amplamente explorado na introdução do Sermão do Monte (Mateus 5). Ao ler o Sermão do Monte como um todo e, particularmente, as Bem-aventuranças, é possível concluir que o Senhor Jesus tenha escolhido propositalmente vários dos temas tratados de maneira ampla nos Salmos e que eram mais populares e conhecidos entre seus ouvintes galileus. Era uma excelente estratégia homilética: tratar de temas que eram comuns aos ouvintes e aplicar a verdade da torá a suas vidas.

2. O CAMINHO DO JUSTO

O caminho do justo é tratado nos três primeiros versos do texto e fica evidente que o justo é um bem-aventurado, expressão que já não usamos em nossa linguagem do dia a dia. O que seria um bem-aventurado? Algumas de nossas traduções, procurando nos dar uma compreensão mais fácil do texto, traduziram a expressão hebraica como “feliz”. Entretanto, a forma como usamos a palavra em português não faz justiça ao seu sentido mais profundo. No hebraico, bem-aventurado tem várias nuances. O significado mais preciso é aquele que

⁶ É importante que o leitor dos Salmos vá se familiarizando com essas técnicas para seu crescimento na leitura do texto e percepção de sua grande beleza. É claro que a leitura do texto traduzido causa uma grande perda ao leitor. Entretanto, Bíblias bem formatadas podem ajudar os crentes a perceber com maior clareza parte das técnicas da poesia hebraica que foram empregadas pelos autores.

⁷ A expressão hebraica aparece 26 vezes no Livro dos Salmos, a maioria das vezes em declarações introdutórias, referindo-se a pessoas ou mesmo a nações (33.12). Um estudo rápido de cada uma das passagens e sua referência pode enriquecer muito a compreensão do pregador a respeito do conceito: Salmo 1.1; 2.12; 32.1; 32.2; 33.12; 34.9; 40.5; 41.2; 65.5; 84.5; 84.6; 84.13; 89.16; 94.12; 106.3; 112.1; 119.1; 119.2; 127.5; 128.1; 128.2; 137.8; 137.9; 144.15; 146.5.

recebe o *shalom* de Deus, a paz, que, como diz o apóstolo Paulo, “excede toda a compreensão humana”. É a mesma paz prometida pelo Senhor Jesus quando disse aos seus discípulos: “Deixo com vocês a paz, a minha paz lhes dou; não lhes dou a paz como o mundo a dá. Que o coração de vocês não fique angustiado nem com medo” (Jo 14.27).

O bem-aventurado é aquele que não é inimigo de Deus, aquele que sabe que deve fazer a vontade de Deus, aquele que, mesmo no meio das circunstâncias mais terríveis, tem a face e o sorriso de Deus sobre sua vida, aquele sobre quem o Senhor levanta o rosto e mostra a sua misericórdia. A vida do bem-aventurado não é livre de problemas, de embates e dificuldades, mas ele tem a plena consciência de que a instrução de Deus está bem à sua frente. O bem-aventurado é aquele que, mesmo nos momentos mais difíceis, continua inabalável, pois sabe que sua vida está nas mãos de Deus. Ele vive perto de Deus.⁸

2.1 *Como vive o bem-aventurado?*

Primeiro ele passa por um caminho de negação, porque vive em um mundo antagônico à vontade de Deus. Logo no primeiro verso vemos o paralelismo progressivo, desenvolvido em três estágios de negação:

não anda no conselho dos ímpios,
 não se detém no caminho dos pecadores,
 nem se assenta na roda dos escarnecedores.

Observe o progresso visível nos verbos andar, deter-se e assentar-se. O bem-aventurado não encontra paz em nenhum desses estágios do pecado. Ele não tem como fonte de inspiração e instrução a impiedade, o pecado e o escarnecimento. O bem-aventurado não vacila no seu caminho, como alguém que passa, olha, para e diz: “Aqui é o meu lugar”. Observe, também, nestas linhas a percepção do pecado: o pecado não é uma ação simples; em geral o pecado é um processo. Como diz Tiago, lendo sobre o primeiro pecado, em Gênesis 3, ele é concebido, gerado e dado à luz:

Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte (Tg 1.14s).

Cabe aqui um importante lembrete a nós que vivemos vidas religiosas e acostumados às coisas de Deus: a roda dos escarnecedores nem sempre é composta por aqueles que desconhecem a Deus. Muitas vezes são formadas por aqueles que se dizem cristãos, mas se ajuntam para escarnecer e pecar.

⁸ Para um bom comentário conciso do Livro dos Salmos, cf. HARMAN, Allan. *Salmos*. Comentários do Antigo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 77.

Normalmente não acontece como um ato, mas, como dito anteriormente, como um processo, que começa com uma pequena calúnia e pode tornar-se um círculo de maledicência sobre irmãos, líderes, famílias e assim por diante. Precisamos ser cuidadosos para não formar o nosso próprio círculo de pecado.

Se o texto começa mostrando que o bem-aventurado tem que passar por negações, em segundo lugar o seu caminho tem como fundamento uma contínua submissão à palavra de Deus (v. 2). O bem-aventurado aprende a amar e meditar na lei de Deus e fazer dela parte do seu estilo de vida. O conceito de meditar na lei “de dia e de noite” é referenciado várias vezes nas Escrituras, começando por Deuteronômio 6.6-9:

Estas palavras que hoje lhe ordeno estarão no seu coração. Você as inculcará a seus filhos, e delas falará quando estiver sentado em sua casa, andando pelo caminho, ao deitar-se e ao levantar-se. Também deve amarrá-las como sinal na sua mão, e elas lhe serão por frontal entre os olhos. E você as escreverá nos umbrais de sua casa e nas suas portas.

Observe que Moisés cobre as dimensões do tempo, espaço e convivência com a torá de Deus, ou seja, essa lei preenche a vida do bem-aventurado em todos os seus aspectos (coração, família, caminho, deitar e despertar, as mãos, os olhos, o lar e a comunidade). Não há área de sua existência que não seja tocada pela instrução de Deus e, assim, ele medita na sua aplicação plena e completa.

Em resumo, o meditar significa tomar aquilo que se aprende na Palavra de Deus e aplicar na totalidade da vida. A palavra é ruminada e então aplicada. O prazer na lei do Senhor não é apenas o prazer em ler a Escritura, mas meditar nela de dia e de noite, aplicando-a a todas as coisas. O bem-aventurado nunca se cansa da instrução de Deus.

O salmista ainda usa uma terceira figura a respeito de como vive o bem-aventurado: ele sabe depender de Deus:

Ele é como árvore plantada
junto a uma corrente de águas,
que, no devido tempo, dá o seu fruto,
e cuja folhagem não murcha;
e tudo o que ele faz será bem-sucedido.

A árvore plantada junto a correntes de águas foi ali colocada porque quem a plantou sabe que ela depende de suprimento. Ao contrário de outras plantas, que dependem das estações e das chuvas, esta árvore tem uma fonte de suprimento que é inesgotável.⁹

⁹ “Porque ele é como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro e não receia quando vem o calor, porque as suas folhas permanecem verdes; e, no ano da seca, não se perturba, nem deixa de dar fruto” (Jr 17.7s).

O bem-aventurado é semelhante a esta árvore junto a uma corrente de águas: no devido tempo dá o seu fruto. Por causa da fonte, o bem-aventurado cumpre o seu papel, assim como a árvore: no tempo certo as folhas, o viço, as flores e, finalmente, os frutos. Estas árvores são bem previsíveis e você pode contar com elas e seus resultados. Em suma, o bem-aventurado não é autônomo, ele é dependente, e você pode depender de sua dependência. O bem-aventurado não depende da fonte do pecado para a sua instrução, a sua fonte externa de dependência é a torá do Senhor. Então o caminho do bem-aventurado não é o de ser feliz às próprias custas, mas sim daquele que diz: sou bem-aventurado por causa da Palavra de Deus e por causa da bênção de Deus. Esse é o significado da expressão “e tudo o que ele fizer será bem-sucedido”. O sucesso está em cumprir o papel estabelecido por Deus, dependendo exclusivamente dele para alcançar o fim.

Essa é a descrição do primeiro caminho apontado no Salmo e depois citado por Jesus no Sermão do Monte.

3. O CAMINHO DO ÍMPIO

Em completo contraste com o caminho do justo está o caminho do ímpio:

- ⁴ Os ímpios não são assim; são, porém, como a palha que o vento dispersa.
- ⁵ Por isso, os ímpios não prevalecerão no juízo, nem os pecadores, na congregação dos justos.
- ⁶ Pois o SENHOR conhece o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios perecerá.

Os versos 4 e 5 descrevem o curto caminho dos ímpios com a simples expressão “os ímpios não são assim”. Se o texto parasse nesse ponto já teríamos suficiente evidência a respeito desse caminho. Bastaria inverter as sentenças: andar em seus próprios conselhos, viver de seus próprios caminhos de pecado e ajuntar-se em escarnecimento. Na verdade, a expressão que inicia o bloco de texto apresenta um paralelismo antitético com o verso 3: o primeiro é árvore viçosa e frutífera, o segundo é como palha seca, levada pelo vento, sem função e sem objetivo. Isto aponta para a verdade de que a palha não tem peso, ao contrário do fruto.

A figura da palha seca que precisa ser separada é bem comum em textos do Antigo Testamento. Figura semelhante está implícita na parábola contada por Jesus sobre o inimigo que veio e semeou joio no meio do trigo, que precisa ser separado. Ou o final do discurso de João Batista ao dizer que Jesus “tem a pá em suas mãos, limpará a sua eira e recolherá o seu trigo no celeiro; porém, queimará a palha num fogo que nunca se apaga” (Mt 3.12). Pode ser difícil separar o joio do trigo; o joio não tem semente, é uma palha; ao se joear a colheita o joio se dispersa com o vento.

Os ímpios são assim: como o joio, podem ter a aparência do trigo, mas não têm a sua consistência. O perigo para o bem-aventurado, muitas vezes, é ser levado pela aparência e deixar-se confundir entre o joio e o trigo. Ele olha para o mundo à sua volta achando que a vida do ímpio é melhor. Como aprendemos no Salmo 73, a inveja da prosperidade do ímpio tomou a mente do salmista Asafe e encheu o seu coração de amargura. Essa situação só mudou quando ele entendeu o juízo de Deus sobre os ímpios, quando se lembrou de que a bem-aventurança dele é a presença do Senhor e não as circunstâncias da vida.

O verso 5 aponta bem a situação final do ímpio: receberá juízo, ou seja, não será bem-sucedido. O ímpio não tem futuro diante de Deus e nem daqueles que a ele pertencem. O caminho dos ímpios é o caminho da morte: não prevalecerão no juízo e não terão lugar na congregação dos justos, nunca serão bem-aventurados, nunca terão o *shalom* de Deus.

4. QUEM É O JUSTO DO SALMO 1?

A leitura mais simples do texto, e eu diria ingênua, seria pensar que o justo do Salmo 1 é um verdadeiro crente que anda retamente aos olhos do Senhor, que não quebra a lei e nunca se desvia da torá de Deus. Em um segundo estágio, mais ingenuamente ainda, talvez pudéssemos pensar: “Eu, pelo menos, tento andar no caminho do justo, afinal, não adoro outros deuses, não tomo o nome de Deus em vão, nunca traí o meu cônjuge, não matei ninguém, procuro sempre falar a verdade” e por aí vai. Ora, a má notícia que tenho a dar é que nem você, nem eu, somos o justo do Salmo 1.

Primeiro, a nossa leitura deve ser feita dentro do contexto do Livro dos Salmos como um todo. Assim, o mesmo adorador que canta o Salmo 1 deve cantar o Salmo 14, por exemplo:

- ² Do céu o SENHOR olha para os filhos dos homens,
para ver se há quem tenha entendimento,
se há quem busque a Deus.
- ³ Todos se desviaram e juntamente se corromperam;
não há quem faça o bem,
não há nem um sequer (Sl 14.2s).

Alguém pode argumentar que estes dois versos se referem “aos insensatos” (Sl 14.1); porém, o argumento do apóstolo Paulo em Romanos 3, para mostrar que toda a humanidade carece da glória de Deus, sejam judeus sejam gregos, é baseado exatamente na citação desse texto: “Que se conclui? Temos nós (judeus) alguma vantagem? Não, de forma nenhuma. Pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado” (Rm 3.9).¹⁰

¹⁰ Em Romanos 3, além de citar o Salmo 14, Paulo nos dá uma sequência de citações dos Salmos apontando para a mesma situação de pecado da humanidade: Sl 53.1-3; 5.9; 10.7; 59.7-8; 36.1.

O próprio Senhor Jesus alerta para este perigo, de alguém pensar ser justo aos olhos de Deus, como faziam os fariseus:

- ⁹ Jesus também contou esta parábola para alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros: ¹⁰ Dois homens foram ao templo para orar: um era fariseu e o outro era publicano. ¹¹ O fariseu ficou em pé e orava de si para si mesmo, desta forma: “Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano. ¹² Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo o que ganho”. ¹³ O publicano, estando em pé, longe, nem mesmo ousava levantar os olhos para o céu, mas batia no peito, dizendo: “Ó Deus, tem pena de mim, que sou pecador!” ¹⁴ Digo a vocês que este desceu justificado para a sua casa, e não aquele. Porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado (Lc 18.9–14).

Nesta parábola, de um lado está o fariseu, conhecedor da Palavra de Deus, cantor do Salmo 1 e amante da Lei do Senhor. O farisaísmo, que virou sinônimo de hipocrisia, nasceu de boas intenções, de homens que temiam quebrar a torá e que começaram a desenvolver outras leis que, supostamente, ajudariam a permanecer no caminho do justo. O que não entendiam é que é impossível ao homem fazer estas coisas sem receber a graça de Deus. O farisaísmo desenvolveu-se como a religião do legalismo na qual os homens começam a se achar justos aos seus próprios olhos em comparação com outros, aparentemente, menos justos. O fariseu orgulha-se da sua religiosidade e procura mostrá-la publicamente para ser admirado pelos homens. Percebem aqui o risco que corremos como religiosos que somos?

Do outro lado da parábola está o publicano, um judeu desprezado pelo povo, que trabalhava para os romanos, que cobrava impostos, secularizado, traidor da própria nação. Os dois vão ao templo para orar. O fariseu orava de si para si mesmo, chegando até mesmo a acusar o publicano em sua oração. O publicano orava humilhado, reconhecendo seu pecado diante de Deus. O fariseu era cheio de justiça própria. O publicano vem diante de Deus sem nenhuma justiça para apresentar: “Ó Deus, tem pena de mim, que sou pecador!”

A conclusão dessa parábola nos traz a chave para entender o Salmo 1: Digo a vocês que este [o publicano] desceu justificado para a sua casa, e não aquele [o fariseu]. Porque todo o que se exalta será humilhado, mas o que se humilha será exaltado. Quem pensa de si mesmo ser o justo, certamente não é!

O fato é que o Reino de Deus é para aqueles que se humilham diante dele. Aqueles de olhar altivo e justiça própria não herdam o reino dos céus. A oração do publicano diz: “tem pena de mim”, ou seja, tem misericórdia, ou, como na tradução Almeida Revista e Atualizada, “sê propício”, a mesma raiz de “propiciação”, ou seja, aquele que recebe um sacrifício substitutivo, algo conhecido muito claramente por todos os judeus que conheciam toda a torá

e o significado extenso dos sacrifícios descritos no Livro de Levítico. Daí a conclusão do Senhor: “este desceu justificado”.

Eis aqui a importância da teologia da justificação pela fé. Ninguém pode ser justo sem reconhecer seu estado de pecado e miséria diante de Deus. Exatamente por isto a primeira bem-aventurança no Sermão do Monte é “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus (Mt 5.3). É impossível para alguém que se acha justo ser recebido nesse reino. Somente aquele que se encontra quebrado e humilhado na presença de Deus, confessando a sua própria injustiça, entra no reino, pelos méritos do único que é verdadeiramente justo: Jesus Cristo.

Segundo o Salmo 32.1-2, o bem-aventurado é aquele que confessa seu pecado, é perdoado e não mente para si mesmo dizendo-se justo:

- ¹ Bem-aventurado aquele cuja transgressão é perdoada, cujo pecado é coberto.
- ² Bem-aventurado é aquele a quem o SENHOR não atribui iniquidade e em cujo espírito não há engano.

E, concluindo, Paulo argumenta em Romanos 3 que há somente um justo e justificador:

- ²² É a justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que creem. Porque não há distinção, ²³ pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, ²⁴ sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, ²⁵ a quem Deus apresentou como propiciação, no seu sangue, mediante a fé. Deus fez isso para manifestar a sua justiça, por ter ele, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos, ²⁶ tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, *a fim de que o próprio Deus seja justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus* (Rm 3.22–26).

Estes versos são o grande alerta: o homem é justificado por Cristo apenas, pois todos estão em pecado e carecem da graça e glória de Deus. Assim, quando se lê o Salmo 1, sobre o bem-aventurado, a primeira lição a ser aprendida é que o homem não é naturalmente bem-aventurado; não é a vida religiosa ou qualquer outra ação humana que o faz justo diante Deus, mas é a graça de Cristo.

APLICAÇÃO

Quando não entendemos a verdade completa da justificação, corremos sérios riscos: por um lado, agir como Asafe (Salmo 73) e acharmos que somos miseráveis em comparação com a prosperidade dos ímpios, e desejá-la. Isso é deter-se no conselho dos ímpios.

Do outro lado, o perigo é nos tornarmos como o fariseu, cheios de auto-justiça e achando-nos naturalmente justos por conta de nossa religiosidade.

O homem tem total necessidade de Cristo para a justificação dos seus pecados. Depende da obra de Cristo. Depende do ato do Redentor.

Querem ver o impacto do Salmo 1 quando mal compreendido? Quais foram as principais acusações dos fariseus e dos escribas contra Jesus?

- 1) Andava com um grupo de pecadores (que não seguiam a religiosidade dos fariseus);
- 2) Detinha-se no caminho para ouvir os clamores de miseráveis;
- 3) Assentava-se à mesa com eles.

A peça de acusação dos fariseus contra Jesus era baseada no primeiro versículo do Salmo 1. Ele não se encaixava no molde religioso mais rigoroso da época. E foi exatamente nessas ocasiões que ele, andando com esse povo, mostrou-lhes o único caminho, a verdade e a vida, o caminho da cruz. Jesus parou para ouvi-los, mas nunca se deixou realmente deter por eles. Jesus se assentou para comer com eles, mas nunca se contaminou com as suas iguarias e conversas.

Aí está a diferença. Muitas vezes o cristão até se assenta em uma roda de cristãos, mas é bem pior que a roda dos pecadores, pois esse momento é usado para escarnecer da igreja de Cristo, do povo de Deus, destruir conceitos de autoridade etc. No fim, só há dois caminhos: o caminho de Cristo e o caminho sem Cristo. Assim, o justo do Salmo 1 é Jesus Cristo. Ler o Salmo 1 sem a justiça de Cristo é um perigo!

Concluindo, a leitura do Salmo 1, bem como a leitura de toda a Escritura, precisa ser feita na perspectiva da obra redentiva de Cristo e da justificação que ele veio realizar.

E você, é justo? Sim, em Cristo, somos justificados para a justiça. Nosso status nos garante a justiça para que possamos viver como justos diante do Senhor:

... logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. E esse viver que agora tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim (Gl 2.20).

RECURSOS BIBLIOGRÁFICOS BÁSICOS EM PORTUGUÊS

BOSMA, Carl J. *Os Salmos: porta de entrada para as nações*. São Paulo: Fôlego, 2018.

CALVINO, João. *Salmos*. Orgs. Franklin Ferreira, Tiago J. Santos Filho e Francisco Wellington Ferreira. Série Comentários Bíblicos, 4 vols. São José dos Campos, SP: Fiel, 2009–2012.

FUTATO, Mark. *Interpretação dos Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

- GODFREY, W. Robert. *Aprendendo a amar os Salmos*. Rio de Janeiro, 2021.
- HARMAN, Allan. *Salmos*. Comentários do Antigo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- KIDNER, Derek. *Salmos*. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 1980.
- ROBERTSON, Palmer. *A estrutura e teologia dos Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.
- SELDERHUIS H. J., GEORGE Timothy F.; MANETSCH Scott M. *Salmos 1-72*. Comentário Bíblico da Reforma. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2018.
- WALTKE, Bruce; HOUSTON, James. *Os Salmos como adoração cristã*. São Paulo: Shedd, 2015.
- WALTKE, Bruce; HOUSTON, James. *Os Salmos como lamento cristão*. São Paulo: Shedd, 2018.
- WALTKE, Bruce; HOUSTON, James. *Os Salmos como louvor cristão*. São Paulo: Shedd, 2020.